

PREÂMBULO

ÚLTIMOS E PRIMEIROS

Vivemos horizontes de transversalidade, de liquefação, de estupefação. São tempos de globalização, de se descobrir novos rostos, de se reconhecer sujeitos emergentes, de se dar cor universal, equitativa, pluralista, ao quadro humano-planetário. Rostos negros, indígenas, de mulheres, de deficientes, de jovens, crianças, de minorias, de pessoas e povos de que sequer tínhamos notícias, muitos milenarmente marginalizados. Novos atores, então eclipsados, ora com marcante enfoque no script e no enredo da civilização.

Tempos de transformação em que conceitos clássicos teológicos, racionalistas, corporativistas, dogmáticos, sexistas, negacionistas, hierárquicos, patriarcais são substituídos por processos interdisciplinares e interinstitucionais globais. A vida, suas experiências, suas manifestações, seus conteúdos ajustados à uma nova, ampla, inclusiva realidade social. A concepção compartimentalizada, academicista, segmentada cede lugar ao conhecimento crítico, crístico, social e espiritualmente vivenciados; a junção entre a formação intelectual e o florescimento de novas capacidades afetivas, éticas, universais.

Os subjugados, os tidos como insignificantes, relegados a planos secundários, quer como pessoa, quer como cultura, tornam-se agentes ativos, protagonistas de uma nova, efervescente sociedade. “Os primeiros serão os últimos; os últimos serão os primeiros”, derramando-se o Espírito por toda a carne. Uma revolução na compacta hierarquia humana – os pequenos, os excluídos, os humildes ascendendo, ressurgindo, compondo o urdume de nova era.

Discurso duro o da conversão de nossos valores, conceitos, compromissos, atos, de um novo arquétipo em que “céus e terra se conturbam”. Um famoso teólogo, Jurgen Moltmann prega, a esse respeito, o renascimento e a práxis da estética, dos rostos então escondidos, aflorados pela Revelação Maior na exaltação da criatividade, ternura, pequenez gloriosa. A busca de novos, fascinantes, exaltados caminhos hermenêuticos, epistemológicos, teológicos para um homem em peregrinação, em êxodo para exultantes dimensões do pensamento, do espírito. Afinal, todos somos tocados, chamados, soerguidos, derramado, indistintamente, o Espírito sobre todos, ainda que “ossos sequíssimos” (Ez 37,4-6)

Sabão Preto

Quem nunca viu as famosas bolinhas de sabão, de tonalidade escura, nas mãos ou na casa de alguém? Há quem diga, inclusive, que essas preciosidades são “coisa de tataravó”. E, para surpresa de quem se encaixa nesse grupo, é preciso dizer que o Sabão Preto é, sim, muito atual. Na esteira de produtos artesanais e naturais, ele é demandado inclusive nas barraquinhas montadas para a Festa do Café com Biscoito, em São Tiago.

Pág. 3

Trilha dos Inconfidentes

Muito além de São João del-Rei ou Tiradentes, o Campo das Vertentes já se firmou como rota completa para turísticas em busca de diferentes experiências: naturais, históricas, gastronômicas. Não por outro motivo, a Trilha dos Inconfidentes desponta como um circuito charmoso já reconhecido, inclusive, em guias nacionais. O site Expedições em Família montou um roteiro com 11 localidades para quem quer viajar. Confira na

Pág. 6



Calceteiros

“Desde a Antiguidade, havia o costume de reis e administradores procederem o calçamento de ruas, praças, compondo o conjunto arquitetônico das cidades e mesmo estradas”. Em artigo publicado nesta edição, conheça detalhes sobre os reais protagonistas dessas histórias, suas ferramentas e minuciosidades de seu trabalho.

Pág. 12

Revoltas

“Históricos, desde o Brasil Colônia, são os registros de resistência antifiscal em nosso País, com mais especificidade para a Capitania de Minas Gerais, mormente no decorrer do século XVIII. A sociedade mineira sempre foi avessa à cobrança ostensiva e opressiva de tributos, verdadeiros confiscos que a Colônia, ontem; e posteriormente o Império e o atual Estado (dito Republicano) realizam acintosamente contra o cidadão. São impostos extorsivos com a função, na verdade, de sustentar estruturas corrompidas, a crônica ineficiência da administração pública, a manutenção de privilegiados e nobres que controlam, há séculos, o Poder, onde o Erário Real exaure o patrimônio particular, desorganizando a própria capacidade produtiva e investidora da sociedade – processo corrosivo, compulsivo que se estende até os dias atuais”.

Pág. 18

ADIVINHAS

- 1- Um gato caiu no poço. Como foi que ele saiu?
- 2- O que é que anda por toda a casa e mora atrás da porta?
- 3- Estudos dizem que 50% da salsicha é sal os outros 50%?

Respostas: 1- molhado; 2- vassoura; 3- sicha

Provérbios e Adágios

- DURMA no volante e acorde no céu.
- Do passado, não remexer na ferida.
- Deixe como estar para ver como é que fica.
- Dormir na estação e perder o trem.
- Engolir um boi, e engasga-se com um mosquito.
- Em terra de cego quem tem um olho é rei.

Para refletir

Aprender é a única coisa do que a mente nunca cansa, nunca tem medo e nunca se arrepende

(Leonardo da Vinci)

Não tenham pressa, mas não percam tempo.

(José Saramago)

Insanidade é continuar fazendo sempre da mesma maneira e esperar resultados diferentes.

(Albert Einstein)

Embora bonita a estratégia, você deve ocasionalmente, olhar os resultados.

(Winston Churchill)

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e todas as pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Davy Antonio Silva Reis

E-mail: creddivertentes@sicoobcreddivertentes.com.br

COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro

São Tiago/MG - CEP: 36.350-000

Celular: (32) 9 9912-2254 (hor. comerc.) Tel.: (32) 3376-1286

AO PÉ DA FOGUEIRA O LICITADOR

Funcionário daquela instituição, oficialmente o responsável pelo almoxarifado e licitações, tornara-se – em conluio com o chefe - o elo de esquemas espúrios, que, lamentavelmente, regem e aviltam a administração pública e privada do País. Era o homem do “rolo”, das notas frias acobertando desvios, dos sobrepreços em licitações, falsas aquisições de produtos em maquinações com fornecedores e por aí afora. Com isso, como gestor e cúmplice das tramoias, adquirira um bom forro patrimonial em imóveis, veículos, aplicações financeiras, fato de pleno conhecimento do chefe e da sociedade.

O administrador-chefe, certo dia, dá-lhe uma “facada”: pede-lhe um dinheiro emprestado. O subalterno e comparsa não tem como negar. Combinam juros mensais, prazos de liquidação. Na prática, o licitador ficaria a ver navios. O chefe não cumpre nem uma coisa nem outra. Sequer juros mensais, sequer a quitação do empréstimo prevista para seis meses. E praticamente doze meses tinham já se esgotado...Com o rabo preso, como reclamar?!

Decide por um de seus carros à venda. Foi só abrir a boca e o chefe se interessa, de imediato, pelo veículo. E que afirma, secamente, não ter numerário de pronto para quitar a compra. Sente calafrios. Mas como contrariar o parceiro de falcatruas?! Não tem outra opção senão entregar-lhe o carro. Numa tentativa grotesca de “tentar” receber, pelo menos, o dinheiro emprestado de um ano atrás, informa ao chefe:

- Você me paga o carro com o dinheiro que você me deve...

(Nem dinheiro emprestado nem o valor do carro. Dali a pouco, o chefe encerra seu mandato à frente da instituição. Sequer dá a mínima satisfação ao credor. Tudo, enfim, ficou dependurado na “conta do Mateus” ou melhor nas costas do povo...).

ALMOXARIFADO



Realização:



Patrocínio:



Apoio Cultural:



Costumes de nossa terra

Sabão de cinzas, sabão de dicoada, Sabão da tataravó ou simplesmente o “Sabão Preto”

O sabão preto é o sabão mais antigo do mundo, surgiu no tempo dos romanos, onde era normal o sacrifício de animais e seus restos iam parar nos leitos dos rios. Lavadeiras indo ao local lavar suas



roupas, descobriram que aquelas borras pretas de restos animais, espumavam. Então, estes materiais eram recolhidos levados ao fogo, em casa, para se fazer o sabão preto para uso caseiro.

Para confecção do sabão preto é necessário primeiro preparar o “barrilheiro” que é um balaio velho, cheio de cinzas com água, que vai filtrando lentamente por vários dias e o líquido sendo armazenando num balde. Esta cinza é rica em carbonato e possui



dois sais. Além de organizo, tem ótimo Ph. Esta água apurada se chamada “dicoada”.

Em São Tiago, até os anos de 1980, era muito comum esta prática de confecção de sabão preto, já que na cidade, poucas pessoas tinham ofícios remunerados (homens: pedreiros, alfaiates, servidores públicos, comerciantes), (mulheres: costureiras, pajens ou apenas “donas do lar”). O sabão do comércio era o “sabão

do reino”, era caro, então cada família produzia o seu artesanalmente para o próprio consumo. Com esta “dicoada”, juntava-se restos de óleo de cozinha, torresmos e tudo isto era depositado num tacho grande de cobre com pouco de água. Grandes toras de madeira mantinham o fogo aceso e com uma colher grande de pau ia misturando tudo, aos poucos o produto fervente pegava ponto e escurecia. Quando “dava o ponto”, uma ajudante era solicitada para ajudar na retirada do tacho da trempe em chamas. O tacho não podia ser colocado em chão frio, então enormes “rodilhas” de caules de bananeiras já estavam trançadas, prontinhas à espera do tacho fervente.

As crianças eram retiradas do local, dado o perigo de queimaduras. Uma colcha velha de “tear” era estendida no chão e mãos hábeis com a colher do cabo comprido, ia depositando as porções do sabão na colcha, para esfriar. Depois a criançada era chamada para ajudar “enrolar as bolas”. Era uma farra tocar naquele produto “molengo” e formar bolas de todos tamanhos. Depois de enroladas, estas bolas eram revestidas com palha de milho, jornal, papel de embrulho ou folha velha de cadernos e acomodadas em uma lata grande de 18 litros ou nas menores de querosene e, por fim, tampadas. Era comum ofertar de duas ou três bolas às vizinhas para apreciação do ponto e regras de boa vizinhança, a partilha. Este sabão era para uso geral em todas atividades: ótimo para pele do rosto, quando confeccionado “sem soda”. Excelente para cozinha, para brilho dos alumínio. Para lavagem de roupa era usado também, mas o caldo ficava muito escuro e derretia com muita facilidade, daí exigência de maiores cuidados no manuseio.

Novas receitas hoje aparecem diferentes ingredientes, como essências, abacate, detergente, eucalipto etc.; mas a pureza daquele sabão preto permanece no imaginário das pessoas mais velhas.

Por ser um produto natural, existe mercado para este produto. Deparamos com procura na Festa do Café com Biscoito nos estantes de artesanato e produtos naturais.



Hoje, poucas pessoas arriscam a fazer o “sabão preto”, dado o enorme trabalho e causas diversas; mas esse saber milenar é também uma das relíquias de nossa terra.

Maria Elena Caputo Castro
Professora-psicóloga

VIAJANTES ESTRANGEIROS

- UM OLHAR PRECONCEITUOSO SOBRE O NOSSO POVO

Expedições de caráter exploratório compostas por naturalistas, geógrafos, mineralogistas, militares realizaram estudos sobre o território pátrio, tornando-se eles importantes elementos na constituição da identidade nacional e da representação geográfica, étnica e sociocultural dos brasileiros. O abandono em que viviam as regiões, o desalento, a ociosidade⁽¹⁾, a promiscuidade, a marginalidade são temas de praticamente todos os viajantes. Um mundo em estagnação, paralisado pela inexistência de quase tudo: estradas, casas decentes⁽²⁾, escolas, métodos adequados de agricultura, preservação ambiental, enfim falta de civilização.

Os viajantes, ao percorrerem enormes distâncias dentro do território pátrio, produziam relatórios minuciosos em seus diários escritos, relacionando plantas, animais, paisagens, rios, habitações, costumes, pessoas, festas religiosas e profanas⁽³⁾. Nada escapa ao olhar forasteiro, muitas vezes com comentários carregados de juízos de valor – era, enfim, um mundo diferente do europeu, onde a curiosidade, o detalhe, o deslumbramento são frequentes. São, por vezes, impiedosos ao registrar a inércia e inépcia para o trabalho do sertanejo, incluindo homens e mulheres – seus costumes



VEJAMOS, POR OPORTUNO, ALGUNS COMENTÁRIOS DE VIAJANTES:

Saint-Hilaire embasa seus relatos e análises sob a moldura do Iluminismo, descrevendo de forma racional o homem da terra, observando-lhe os costumes, hábitos, tipo físico, crenças, embora sob a ótica do estranhamento, do eurocentrismo. O homem rude dos sertões parece-lhe primitivo, inferior ao padrão civilizatório europeu e mesmo cidadão brasileiro, carenciado dos valores da cristandade, da ética e do trabalho ordeiro.

Viajantes como Saint-Hilaire, Johann Emanuel Pohl, Richard Burton, dentre outros, legaram-nos um olhar e um discurso próprios de quem tiveram real contato com a realidade do interior do País, eivados, todavia, de estereótipos e preconceitos segundo os seus parâmetros eurocêntricos e etnocêntricos de civilização. Forjou-se um imaginário sobre o Brasil, criando-se um universo histórico e literário onde pontuam a decadência, a pobreza, terras inóspitas, o atraso, o isolamento. E ainda, como vimos: a quase total ausência das autoridades, a precariedade das estradas, dificuldades de se escoar a produção local, a inexistência de escolas, a exploração das populações por oligarquias, geralmente de grandes potentes, latifundiários da região e membros da Igreja. Registram eles em seus relatos, contudo, a imponência da natureza, recompensando os caminhos ásperos e agrestes, o sol inclemente, o clima seco, os temporais implacáveis.

“Tudo, ao redor, apresentava um quadro de grandiosa solidão, todos os vestígios humanos estavam apagados... Em toda a parte, a viçosa força renovadora da natureza em sua atividade eterna, livre e incessante extirpa as marcas da civilização como se indignada pela violação de seus domínios” Johann Emanuel Pohl – “Viagem no interior do Brasil” Edusp, 1976, p. 172)

A mesma narrativa encontra-se nas palavras do geógrafo e naturalista francês Francis de Castelnau que percorreu partes do Brasil – Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso – além do Paraguai, Bolívia e Peru entre os anos de 1843 e 1847:



exóticos e retrógrados, suas feiúras, aos quais deixam “conselhos” e indicações passíveis de retirá-los do primitivismo e degradação em que vivem.

Os estereótipos construídos pelos viajantes de que os brasileiros eram indolentes, passivos, feios, violentos serviriam – deploravelmente - de instrumento e escudo aos detentores do poder para legitimar os privilégios e o pensamento medíocre da elite nacional, bloqueando, até os dias atuais, o desenvolvimento do País. Criou-se a memória hegemônica de que a elite é melhor portadora de projetos excepcionais e vencedores, ao passo que o sertanejo (povo) é inferior, primitivo, incompetente, sem respaldo intelectual. Autores como José Carlos Barreiro e Caio Prado Junior (obra “A Formação do Brasil Contemporâneo”, considerada um marco da historiografia brasileira) abrem espaço para as camadas populares com as vivências de tabernas, feiras, pousadas, grupos sociais e tradicionais da cultura dita periférica, peculiar aos menos favorecidos ou marginalizados.



“Nossa caravana era a primeira a passar pela estrada depois da última estação chuvosa e o caminho apenas se podia reconhecer de tal modo o dissimulavam os rebentos novos... Lutávamos ainda com óbices de toda natureza; o solo se transformava rapidamente em extensos atoleiros; troncos de árvores inteiramente cobertos de lama infecta barravam, a todo momento, o passo às pessoas e aos cavalos... Obrigados a abrir caminho e a atender aos acidentes todos que nos sobrevinham... Foi com o maior sacrifício que fizemos uma marcha de seis léguas...” (Castelnau - “Expedição às regiões centrais da América do Sul” vol. I, SP, Companhia Editora Nacional, 1949, p. 256)

Adentrando os sertões goianos, Pohl descreve os habitantes da região como preguiçosos, imorais, indolentes, afeitos mais



aos vícios e mundanismo que ao trabalho: “...os brancos procriam indiscriminadamente com mulatas e negras e se recusam a reconhecer publicamente esses filhos (...) Os sagrados laços do matrimônio são aqui muito frouxos e pouco apreciados. Cada um procede ao seu talante e arbítrio. Ninguém receia ser punido por transgressões... Ficam impunes todos os delitos, inclusive o assassinato” (Pohl, op cit p. 142)

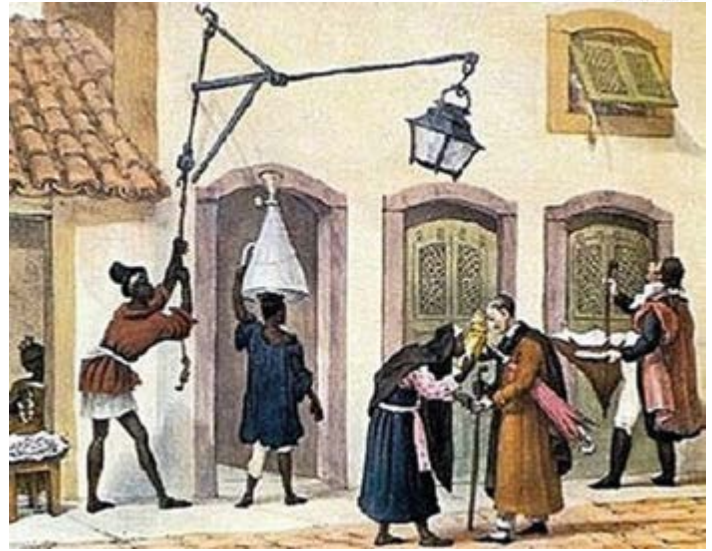
Pohl assim se refere aos moradores de Vila Boa de Goiás (hoje cidade de Goiás Velho): “Os brancos são na maioria de origem portuguesa, em parte fugitivos e aventureiros e no entanto, formam a primeira classe, o que se deve apenas à cor. Na maior parte são intoleravelmente altivos e soberbos, crentes dessa sua superioridade em relação às outras raças. Poucos melhoram o caráter, antes exibem a vulgaridade de sua existência anterior. O ócio é a máxima felicidade dessa gente. Com essa inatividade e preguiça, os braços decaíram tanto que a maioria deles falta até o necessário para comparecerem decentemente à igreja aos domingos” (“Viagem no interior do Brasil”, 1976, p. 141)

“A indolência dos habitantes do sertão é talvez maior ainda que a dos outros mineiros. Sua fisionomia revela-lhes já a índole e se encontra a expressão desse defeito em todos os movimentos de seu corpo. Aliás, o calor do clima convida bastante os homens dessa gleba a se entregarem à ociosidade” (Saint-Hilaire – “Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e São Paulo – 1822” Itatiaia/Edusp, 1975, p. 308)

Sobre a rejeição do brasileiro ao trabalho, na verdade uma herança colonial, opina Richard Burton: “...o fato de trabalhar para os outros parece uma enorme loucura. Os verdadeiros portugueses da velha escola jamais farão qualquer coisa que possa parecer útil às necessidades de seus vizinhos” (As terras altas do Brasil, vol. I, p. 127)

Sequer os portugueses escapam às observações dos viajantes, tidos como abusivos, mercantilistas no trato com os nativos, “esportos” nos negócios.

Saint-Hilaire em sua passagem por São João Del-Rei em 1816, observou que a população da vila era “renovada incessantemente por jovens vindos das províncias mais distantes de Portugal” Muitos, iniciando a vida como caixeiros, logo se tornavam negociantes por conta própria, mandando vir da Europa, para aprender



o comércio, homens de suas famílias” (“Viagem pelo distrito dos diamantes e litoral do Brasil” Itatiaia/Edusp, 1974, p. 113)

Segundo Ferdinand Denis, os sertanejos viviam isolados, ao deus-dará, de forma a mais rústica, sem qualquer apoio do Estado e da Igreja, quais “pastores exilados” Afirma, em desalento: “Nenhuma instrução os vem procurar em seus desertos” (Brasil” Itatiaia/Edusp, 1980, pp. 384/386)



NOTAS

(1) A pecha de vagabundo, viciado, indisciplinado é comum entre os relatos dos viajantes. Para os sertanejos, o trabalho manual, por força da ordem escravocrata, era visto como aviltante, daí rejeitado. “Na realidade, (os nacionais) são refratários ao trabalho organizado, porque sendo mínimas as necessidades, não precisam se alugar para outros de forma contínua. Basta, de quando em vez, uma jornada por semana, de resto a disponibilidade para nada fazer além da caça, da pesca, do pequeno plantio e da criação, que permitem a sobrevivência na pobreza e dessa forma – agora introduzo essa nova dimensão da assim chamada vadiagem – o desamor ao trabalho e a possibilidade do ócio e do festejo” *Lúcio Kowarick – “Trabalho e vadiagem – a origem do trabalho livre no Brasil” Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1994, pp. 103/104)

(2) “Os povoados do Brasil (...) não passam de um amontoado de caberres miseráveis e de ruas lamacentas. A maioria dos arraiais de Minas e Goiás, cuja origem se deve às minas de ouro, hão de ter tido seus tempos de esplendor” (Saint-Hilaire – Viagem à Província de Goiás” Itatiaia, 1975, p. 25)

“O dito de São Thiago (1º distrito) foi muito extenso e hoje está quase em ruínas” (Raimundo Cunha Mattos – “Corografia Histórica da Província de Minas Gerais”, p. 117)

(3) Os viajantes escreviam seus diários, com os registros de percurso, muitas vezes sobre as malas de viagem, em abrigos precários, ranchos insalubres, quando não ao relento, ao final de suas duras jornadas diárias feitas em lombos de burros. Material que serviria para a edição dos valiosos livros de viagens relatando suas experiências e aventuras no interior do imenso território brasileiro.

Circuito Trilhas dos Inconfidentes - conheça os destinos

Conheça agora 11 Destinos incríveis do Circuito Trilhas dos Inconfidentes!

E que tal conhecer, em Minas Gerais, as estradas e cidades onde nasceram ou viveram as personalidades envolvidas naquilo que foi considerado o maior movimento social-político de contestação das políticas metropolitanas no Brasil?

O Circuito Trilhas dos Inconfidentes te dá esta possibilidade e atrai todo tipo de turista. Este circuito turístico contempla estradas encantadoras, paisagens maravilhosas e bucólicas, belezas naturais, cachoeiras, ecoturismo, centros urbanos com lindos núcleos históricos, artesanato, história e uma deliciosa gastronomia mineira.

Fazem parte deste Circuito municípios como Alfredo Vasconcelos, Antônio Carlos, Barbacena, Barroso, Carrancas, Conceição da Barra de Minas, Coronel Xavier Chaves, Dolores de Campos, Entre Rios de Minas, Ibituruna, Lagoa Dourada, Madre Deus de Minas, Nazareno, Piedade do Rio Grande, Prados, Resende Costa, Ritópolis, Santa Cruz de Minas, São João del-Rei, São Tiago e Tiradentes. Tais cidades se uniram para solidificar os atrativos turísticos desta região mineira.



À esquerda, monumento a Tiradentes na cidade de Tiradentes. À direita, monumento a Resende Costa na cidade de Resende Costa.



Igreja de São Francisco de Assis - São João del-Rei

Aqui, vamos falar mais especificamente sobre 11 destinos deste Circuito.

1. RITÁPOLIS

Ritópolis, distando 230km de Belo Horizonte, é um município de grande relevância histórica e tem um potencial turístico ainda inexplorado, que merece a nossa atenção e visita. Uma cidadezinha que fazia parte, outrora, de São João del-Rei, e carrega fortes traços da arquitetura do século XVIII, com um pequeno núcleo histórico que logrou preservar alguns de seus exemplares, ruas de calçamento, e a Igreja de Santa Rita de Cássia, cuja paróquia foi criada na década de 1850. Ela está inserida na atual Praça Tiradentes, onde se encontra um monumento em homenagem a este inconfidente.

Aliás, foi em Ritópolis que nasceu Tiradentes, mais especificamente na Fazenda do Pombal (hoje em ruínas). A fazenda integra a Floresta Nacional de Ritópolis, reserva ecológica gerenciada pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMbio). O município guarda riquezas naturais, assim você pode ir curtir trilhas ecológicas na mata atlântica, cachoeiras, quedas d'água.



Igreja de Santa Rita de Cássia na Praça Tiradentes



Fazenda do Pombal (hoje em ruínas)

2. CORONEL XAVIER CHAVES

O município de Coronel Xavier Chaves, situado a 182km de Belo Hori-

zonte, também faz parte do Caminho Velho da Estrada Real, além do Circuito Trilha dos Inconfidentes. É uma cidadezinha onde o potencial turístico ainda se encontra emergente. Todavia, a visita ao local, com as suas belezas naturais e exemplares da arquitetura dos séculos XVIII e XIX chamam à atenção para um passeio no qual se pode apreciar as belas paisagens e respirar um ar mais puro. Entre os atrativos destacamos a imponente Igreja de Nossa Senhora do Rosário, toda em pedra, e em nossa opinião a mais linda da cidade. Além da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, o Engenho Boa Vista, a Trilha do Carteiro, a Árvore de Jequitibá, o artesanato em pedras e as esculturas, artesanato em tecidos bordados, pinturas em tela à óleo, e a arte em ferro.



Igreja de Nossa Senhora do Rosário

3. CARRANCAS

Carrancas é um município localizado a cerca de 302 km da capital mineira, bem pacato, e considerada a terra das serras e das cachoeiras. É, sem dúvida, um grande refúgio em meio à



Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição das Carrancas

sua bela natureza e cachoeiras convidativas a um banho. Nesse refúgio você pode passear pelas ruas e apreciar o casario antigo, além da bela Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição das Carrancas, edificada com blocos de quartzitos no século XVIII. Veja na foto como ela se destaca. Subir até as serras para apreciar belas vistas também são atrativos incríveis por lá.

Quanto às cachoeiras, há muitas opções como as cachoeiras dos Complexos da Fumaça, da Vargem Grande, do Grão Mogol, da Zilda, do Tira Prosa, da Toca, da Ponte, dentre outras. O Turismo Rural também está em alta e é um prato de cheio de conhecimentos para quem vai à cidade com mais tempo. Há hotéis fazenda onde o visitante pode experimentar um verdadeiro turismo imersivo na vida rural mineira.

4. ENTRE RIOS DE MINAS

Entre Rios de Minas, situado a 124 km de Belo Horizonte, é outro município interessante de se conhecer. A cidade que completou 306 anos em 2019 também está inserida no Circuito Turístico Trilha dos Inconfidentes, na Rota do Caminho Religioso da Estrada Real e na própria Estrada Real.

O seu processo de povoamento se deu no entorno da então Capelinha dedicada a Nossa Senhora das Brotas no século XVIII. Hoje existem alguns dos exemplares do casario da arquitetura da época, além de algumas fazendas. Algumas edificações com traços arquitetônicos do limiar do século XX também ainda estão de pé. A atual Matriz foi erguida nas primeiras décadas do século XX e é belíssima. Ela traz traços neogóticos, sendo uma das mais imponentes edificações do município.

Alguns dos atrativos locais que para você desfrutar são o artesanato local, visita à Matriz e na Capela de Nossa Senhora da Lapa (distrito de Serra Camapuã), Sítio Arqueológico da Casa de Pedra de Gambá (ruínas da casa de pedra), trilhas e cachoeiras, a Festa da Padroeira, Festa da Colheita. É também a cidade considerada berço do Cavalito Campolima Marchador, havendo, inclusive, um monumento na entrada da sede.



Matriz de Nossa Senhora das Brotas

5. LAGOA DOURADA

A cidade de Lagoa Dourada está a 152km de Belo Horizonte e é considerada a terra do rocambole e do jumento Pêga. Seu processo de formação está diretamente associado à exploração aurífera, a partir da descoberta de

ouro em uma lagoa pelos idos do século XVII. E foi a partir daí que veio a sua toponímia. Para além dos atrativos rocambóles e doces, você pode conhecer a Matriz de Santo Antônio, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Com relação ao casario no centro, são poucos os exemplares remanescentes dos séculos anteriores. O turismo rural é um ponto alto de Lagoa Dourada.



Matriz de Santo Antônio

É no interior do município onde se pode encontrar as fazendas dos séculos XVIII e XIX. Elas são um testemunho do modo de vida e da tipologia de economia de outrora praticada na localidade.

6. PRADOS

Prados está situado a 185,2km de Belo Horizonte. É cidade natal de personagens que se envolveram na Inconfidência Mineira e por isso mesmo também está inserida no Circuito Turístico Trilhas dos Inconfidentes, além de também fazer parte da Estrada Real. Um dos personagens ilustres é Vitoriano Veloso,



Capela de Nossa Senhora do Rosário

Alferes da Cavalaria Auxiliar e único inconfidente mineiro mulato, nascido na localidade onde hoje é o distrito de Bichinho, quando a região ainda pertencia à Vila de São José Del Rei. O distrito, apelidado de Bichinho recebeu o nome oficial de Vitoriano Veloso em sua homenagem. Outra peculiaridade que envolve o município e a inconfidência, é o fato de também ter sido terra natal de Hipólita Jacinta de Melo, a única mulher envolvida ativamente na Inconfidência Mineira, de que a história tem notícia.

O município de Prados é bem pacato, porém, é conhecido pelo seu agitado Carnaval. A cidade se destaca também pelo seu encantador artesanato em ferro e madeira. Outro destaque é o distrito de Bichinho, tanto pelo artesanato como por seus restaurantes com a deliciosa comida mineira. Leia mais sobre essa charmosa cidade no nosso post Prados na Estrada Real.

7. RESENDE COSTA

O município de Resende Costa dista 182km da capital mineira. Suas terras, que já pertenceram a Lagoa Dourada e a Tiradentes, serviram de local para pouso de viajantes e tropeiros, e para abastecimento alimentar para quem percorria a Estrada Real. É terra de dois inconfidentes mineiros, Resende Costa pai e Resende Costa filho, por isso foi incluída no Circuito Turístico Trilhas dos Inconfidentes.



Igreja Matriz de Nossa Sra. da Penha de França

Quanto aos atrativos, por lá se destaca o artesanato de tecido feito no tear, uma linda prática que foi sendo transmitida de geração a geração desde o período do Brasil Império e hoje os produtos são vendidos para diversas cidades turísticas brasileiras.

Além do passeio para admiração do casario antigo e compras nas lojinhas, de onde se podem ver diferentes gerações tecendo no tear, outros atrativos são a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Penha de França, a vista partir do Mirante das Lajes, e as festas populares como Folia de Reis e Carnaval.

8. SANTA CRUZ DE MINAS

Santa Cruz de Minas, localizado a 147km de Belo Horizonte, é um pequeno município situado entre São João del Rei e Tiradentes. Seu processo de formação está ligado às Vilas de São José del Rei (atual Tiradentes) e de São João del Rei, sendo rota de passagem entre as duas, desde os tempos de Colônia. E justamente neste trecho de passagem entre uma cidade e outra se encontra a bela Cachoeira Bom Despacho, na Serra do Lenheiro, e o Monumento do Marco Zero da Estrada Real.

O Marco Zero da Estrada Real foi ali implantado em comemoração à parceria realizada entre o Instituto Estrada Real e o Ministério do Turismo para a sinalização turística do Eixo Principal da Estrada Real. Este ponto é inclusive uma parada para vários turistas, tanto para se banhar na cachoeira, passear um bom tempo contemplando a natureza e também



Marco Zero da Estrada Real, Serra do Lenheiro, Santa Cruz de Minas

fazer fotos no Marco Zero da Estrada Real. Para, além disso, a cidade também se destaca pelo artesanato em madeira, em metal, em cerâmica e móveis, também muito encontrado nas demais cidades do Circuito Trilhas dos Inconfidentes.

9. SÃO JOÃO DEL-REI

São João Del Rei, situada a 189km de capital de Minas, teve seu processo de desenvolvimento a partir da descoberta do ouro, no limiar do século XVIII. Algo importante e que também liga a cidade ao circuito Trilhas dos Inconfidentes é que a fazenda onde nasceu Tiradentes fazia antes parte do território de São João del Rei. Com o desmembramento da localidade em 1962, a propriedade passou a pertencer a Ritópolis, como já mencionamos anteriormente.



Igreja de São Francisco de Assis

O município é conhecido como “a terra onde os sinos falam”, sendo a cidade mineira que mais concentra estas peças, ainda em atividade. E essa tradição do Toque dos Sinos em Minas Gerais se tornou patrimônio imaterial protegido. A beleza de seu conjunto arquitetônico, a imponência de seus templos, o badalar dos sinos, os monumentos e toda a sua riqueza cultural e histórica são de fascinar qualquer turista. A cidade é ainda terra natal de personalidades como Tancredo Neves, e foi um dos palcos da Guerra dos Emboabas, entre 1707 e 1709.

Entre as muitas atrações turísticas que a cidade possui, destacamos o passeio de trem entre São João Del Rei e Tiradentes, o Museu Ferroviário, Memorial Tancredo Neves, Museu Regional de São João Del Rei, Museu de Arte Sacra, Museu da FEB. E você também pode fazer fotografias com roupas típicas do século XIX ao contratar os serviços das empresas de fotografia.

10. SÃO TIAGO

São Tiago é uma cidadezinha mineira situada a 202,7 km de Belo Horizonte. Seu processo de povoamento se deu a partir do início do século XVIII, quando também foi encontrado ouro nestas paragens. É uma cidade bem pacata, tranquila, com parte do casario setecentista preservado e sua bela Igreja Matriz na praça central.

Seu grande e delicioso destaque são o café e os biscoitos caseiros, de tradição longínqua, tornando assim a “terra do café com biscoito”. A cidade tem, inclusive, uma festa anual dos quitutes, que acontece em setembro, como um dos seus grandes atrativos turísticos.

Durante a nossa Road Trip pelo Circuito Trilhas dos Inconfidentes, estivemos na cidade para o lanche da tarde. Lá tomamos o café e comemos os biscoitos. Aproveitamos para comparar uma grande variedade destas delícias para trazer pra casa.



Igreja Matriz de São Tiago

11. TIRADENTES

Tiradentes dista cerca de 192,8km de Belo Horizonte e seu processo de povoamento se deu a partir do início do século XVIII quando foi encontrado ouro nas proximidades da belíssima Serra de São José. Por lá há muitas opções de passeio, a começar por caminhar pelas vias setecentistas, algumas com vista para a Serra São José, e apreciar todo aquele casario e os chafarizes. Uma visita às lindas igrejas, como à Igreja Matriz de Santo Antônio também estão no roteiro. Veja mais sobre passeios pelos templos em nosso post Conheça as Igrejas Históricas de Tiradentes.

Você ainda pode fazer fotografias com roupas típicas do século XIX ao contratar os serviços das empresas de fotografia, fazer um passeio de charrete, visitar museus. Confira estes e todos os demais atrativos em nosso post Tiradentes – Bate Volta de São João Del Rei



Igreja de Nossa Senhora do Rosário

Aves observadas

GAVIÃO POMBA GRANDE

Observado na região do Catimbau, dia 18/07, um casal de gavião pomba grande (*pseudastur polionotus*), ave accipitriforme, família accipitridae). Seu nome do grego “pseudos” (falso) “astur” (referente ao gênero astur – Lacepède 1801) grego “polios” (cinza) e “notos, noton” (costas) = falso Astur de costas cinzas.

O gavião pomba grande mede em torno de 48 a 53 cm, com a região do dorso e asas cinza escuro e algumas coberturas margeadas de branco. Cabeça, nuca e região do peito e ventre de cor branca, enquanto a cauda curta apresenta cor preta da base até a região mediana, pescoço e cabeça rajados. Sua voz é rima sequência de dois ou três assobios agudos – “wiii, wiii”.

O gavião quando jovem, possui o alto da cabeça com estrias cinza amareladas. Sobre seus hábitos alimentares, nutre-se de aves, répteis, roedores e outros pequenos mamíferos.

Constrói seu ninho com galhos secos no alto das árvores. Vive em florestas primárias e secundárias ou ainda plantações. Raramente observado com três ou mais indivíduos.

Distribui-se pela faixa litorânea oriental sul e sudeste do Brasil, Mata Atlântica, Paraguai e nordeste da Argentina.

Também conhecido como gavião pombo branco. Ameaçado de extinção em algumas regiões devido ao desmatamento e ainda caçada por moradores, acusado de atacar eventualmente animais de criação (domésticos).



NHAMBU CHINTÃ

Ave tinamiforme, família tinamidae, também conhecida como inhambu chintão, inhambu do bico vermelho, inhambu da canela roxa, inhambu pé roxo, chitão bico de lacre, codorninha (SP). Seu nome científico *crypturellus tataupa* (Temminck 1815), origina-se do grego “kruptus” (escondido, oculto) e “oura” (cauda) e do gurarani “tataupa” (pequena ave) isto é “ave pequena com cauda escondida” (Inambu tataupa – Azara (1802).

Possui tamanho intermediário 21 cm de largura e 16 cm de altura. O macho é pouco menor do que a fêmea. Dorso bruno-castanho, cabeça e pescoço cinza escuro, garganta e barriga cinza-azulado; coberteiras inferiores de cauda preta com orlas esbranquiçadas. Bico vermelho e pernas arroxeadas.

Ave de espécie cinegética (caçada para alimento). O nome Xintã (Chitão) vem do desenho críptico das pernas traseiras, que no imaginário de nossos caboclos se assemelhava ao colorido de um “pano de chita”.

Distribui-se por todo o litoral brasileiro, indo até a Argentina, onde é conhecido como perdiz del monte. Alimenta-se de insetos, vermes, artrópodes. Reproduz-se geralmente entre setembro a dezembro, com posturas de 3 a 5 ovos de tonalidade rosada, que são chocados pelo macho, no período de 9 dias.

Habita capoeirões, matas secundárias, plantações de café, cana, etc. Sua vocalização consiste numa rápida escala descendente, com variações entre macho e fêmea. Famosa e imortalizada pela composição de Athos Campos e Serrinha na voz da dupla Tônico e Tinoco, dando ainda inspiração ao nome da dupla Chitãozinho e Xororó.

Ave quase desaparecida de nosso meio e que tem sido novamente vista.



ERRATAS:

Boletim nº CLXVI – julho/2021– matéria “Presbítero Lourenço da Costa Afonso” – pág. 4, onde se lê:

Filhos do casal José de Almeida e Silva e Escolástica da Fon-

seca, leia-se: Filhos do casal José de Almeida e Silva e Ana Maria de Jesus.

Boletim nº CLXIII – abril/2021 – matéria “O Sócia” – pág. 3, no penúltimo parágrafo eliminar o termo “gritando”.



RUPTURA DE VALORES INSOLVENCIA DAS INSTITUIÇÕES

As sociedades e instituições parecem ter perdido – ou já perderam – em todos os níveis, a consciência quanto aos dois princípios basilares da tradição ético-política: a legitimidade e a legalidade. Não mais se questionam sua legalidade, mas também e principalmente sua legitimidade. Assim, o próprio poder constituído perdeu sua legitimidade. “Os poderes e as instituições não são hoje deslegitimados porque caíram na ilegalidade: é mais verdadeiro o contrário ou seja a ilegalidade é difundida e generalizada porque os poderes perderam a consciência de sua legitimidade” (Giorgio Agamben – “O Mistério do mal”)

Para se legitimar, o poder cada vez mais se afunda no excesso de legalidade formal, fazendo-o perder sua essência e substancialidade. O que se observa é uma ânsia frenética, prevalente pelo poder temporal, abolindo-se e tripudiando-se sobre valores sublimados, dentre eles o civismo, a ética, a espiritualidade, a honestidade. A justiça, de há muito, inexistente nas relações de poder, gerando a ingovernabilidade, a iniquidade, que hoje se apresentam capciosamente sob – e sobre - rótulos técnico-legais, de forma a justificar tiranias, despotismos, privilégios, prepotências. Embora elevada aos píncaros da ascensão social, bafejada de títulos e posses, a escória transparece nas atitudes mesquinhas, interesseiras, rameiras, de forma que a ferocidade do poder eclipsa o bem, produzindo o caos social.

Detentores do poder, formados por agrupamentos classistas – a elite intelectualizada e laureada – propugnam e obtêm, de há muito, avassaladores privilégios, porquanto tem eles acesso às leis, redigindo-as, votando-as, manipulando-as em prol da grei nobiliárquica. Uma aristocracia intocável, que conserva os requintes das cortes, exaltando direitos, enquanto multidões indefesas vem-se tripudiadas pela miséria, tuteladas e oprimidas terrivelmente pelo desemprego, carência de saneamento básico, segurança, habitação e educação de qualidade. Assim igualmente e contíguo à esfera privada elitizada, salvo exceções, onde inexistem preocupação com processos estéticos, psicológicos, culturais, históricos, econômicos adequados às necessidades dos demais concidadãos e tão somente o sentido utilitarista do lucro, a qualquer custo, enfim mentes situadas aquém, senão nos extremos de qualquer gama espiritual, moral, cultural.

CÉSAR ZAMA

O médico e deputado César Zama lembrou a ignomínia trazida pela República – a usurpação do poder, calúnias, ganância, princípios afrontados, a vil traição ao Imperador e sua família. pelos republicanos convertidos e vendidos, que se locupletaram à beça da Monarquia; que se passavam ‘por sérios e moralizados, que recebidos cordialmente por um chefe respeitável por todos os títulos e até por serviços relevantíssimos à Pátria (...) depois de haverem sentado à sua mesa e compartilhado de seu pão, levaram a desonra ao seio dessa família, o desespero ao coração desse chefe, praticando o mais inqualificável abuso de confiança”

Afiançou ainda o Dr. César Zama, ante os bárbaros acontecimentos da Guerra de Canudos, genocídio desvairado e nauseante praticado pela República juspositivista, contra sertanejos, irmãos nossos: “Os corruptores e corrompidos facilmente se associam, mas além do circuito estreito que formam o desprezo dos homens de bem. Salvo honrosas exceções, pode-se dizer que da camada superior da sociedade brasileira desapareceram as mais elementares noções de pundonor e brio (...) Nas épocas de decadência moral, o homem probo tem por dever afrontar os improbos”

A República viria a escancarar, impudicamente, os cofres públicos para minorias de privilegiados. Prudente de Moraes concederia “privilégios inqualificáveis “ às custas do povo, a cafeicultores e empresários dos setores portuário e ferroviário, levando César Zama a exclamar, perplexo, da tribuna: “Surgiram da noite para o dia fortunas colossais construídas à custa da vaca nacional” O País seria simplesmente loteado e leiloado pelo poder republicano, proclamando ainda Dr. Zama: “Se o Império era o déficit, a República, como temos, ameaça ser a bancarrota” Dr. Zama que criticara, sobremaneira, o Império à sua época, não deixaria por menos a República banal e bacanal, verberando da tribuna: “O Império, comparado com esta República da Serra da Fartura, é, sem contestação, uma vestal perante uma messalina desbragada” E complementava com uma acirrada afirmação de Montesquieu: “A tirania de um príncipe não impele mais um Estado para sua ruína do que na República a indiferença pelo bem comum” O novo regime republicano, asseverava Zama, “trataria de comprar adesistas à custa do Erário Público, sem se recordar que os vendidos de hoje serão os vendidos de amanhã e que essa gente gananciosa estará sempre ao soldo de quem melhor lhe pagar (...) Os homens que governam povos livres, sobretudo, quando sucedem a um Dom Pedro de Alcântara, devem ser como a mulher de César, isentos até de qualquer suspeita”

Em discurso na Câmara dos Deputados em 13-06-1888, assim explanou o Deputado baiano César Zama:

“...os partidos não tem ideias próprias ou não existem entre nós. A política no Brasil ainda está longe de ser uma ciência; não passa da arte de adquirir o poder e de nele conservar-se o maior tempo que for possível. O poder, para os nossos partidos, não é um meio, é um fim”

“É melhor governar o País com o País do que governar o País com um grupo de amigos e sectários, aos quais sacrifica tudo, aos quais está sacrificando a majestada da República, a seguridade do poder e o futuro da Monarquia. A política da força faz mártires e os mártires, como sabeis, ressuscitam; a política da corrupção faz miseráveis e os miseráveis apodrecem antes de morrer”

(Fonte: “Mulheres de dois andares” – Cida Chaves)

MÚSICA

FUNDAMENTAL PARA REATIVAR A MEMÓRIA

A música, além de nos emocionar, nos divertir é excelente aliado no tratamento de doenças neurológicas, uma terapia para ouvidos e cérebro. É o que comprovam experiências em hospitais e clínicas inglesas após pacientes – vítimas de atropelamento – com serias lesões cerebrais, recuperaram a memória mediante estímulos com audição de músicas.

Segundo o neurologista Renan Domingues, professor da Santa Casa em SP. Membro titular da Academia Brasileira de neurologia e ser músico, “quem sofreu lesões neurológicas, AVC, tem quadro de demência e Alzheimer, a música pode provocar umas das formas de estimulação cerebral e até mesmo de reabilitação”.

De acordo com o neurologista André Lima, diretor da Clínica Neurovida “a música estimula muito a parte da fala, da escrita, da interpretação até o ponto em que fica memorizada na cabeça e vai como se fosse um reflexo.

O gago, por exemplo, se cantar uma música, não gagueja porque aquela música já está armazenada numa outra área do cérebro dele que não é a área da linguagem. É a área da memória. Assim ouvir uma canção traz benefícios para quem tem algum tipo de enfermidade neurológica.

“A música acalma, estimula. Nosso cérebro é musical e a



música tem uma relação recíproca. O cérebro produz música e ao mesmo tempo se beneficia com ela” reitera Dr. Domingues.

O tipo de cada canção porém, é que vai determinar o tamanho/extensão do estímulo cerebral. “Se pegarmos as músicas com três notas que se repetem sem estrutura rítmica complexa, vamos provocar estimulação numa área cerebral menor. Se for uma música com complexidade harmônica por exemplo, isso vai promover estímulos em áreas maiores do cérebro de uma pessoa” avalia Dr. Renan Domingues.

APRENDIZADO INSTRUMENTAL

Aprender um instrumento traz também muitos benefícios para o nosso cérebro. A prática instrumental – musical contribui para a memória e a questão motora “uma pessoa que escreve com a mão direita tem o lado esquerdo do cérebro mais desenvolvido. Se ela começar a tocar violão, vai passar a dedilhar o braço do violão com a mão esquerda e consequentemente, vai passar a estimular o lado direito do cérebro”



esclarece Dr. André Lima.

“No caso de pessoas com o quadro de Alzheimer é possível trabalhar noções de ritmo, melodia. Isso tem uma função de reabilitação porque estimula circuitos cerebrais que não estavam sendo ativados normalmente.

O cérebro é um órgão que funciona melhor sob demanda. Então pode ser estimulado com novos conteúdos musicais” explica Dr. Renan Domingues

E conclui Dr. Domingues: “É importante pensar uma música que agrade o paciente, o que nem sempre vai ser aquela que ele sempre gostou ao longo da vida. Às vezes, isso muda com advento da doença.”





Desde a Antiguidade, havia o costume de reis e administradores procederem o calçamento de ruas, praças, compondo o conjunto arquitetônico das cidades e mesmo estradas. As calçadas de Roma antiga caracterizavam-se por terem as pedras perfeitamente encaixadas, praticamente sem espaços entre elas e com estabilidade para o trânsito de pessoas, carruagens, bigas, caleches etc. Colocadas de forma apertada, por força do uso de cunhas de pedra, daí tal tipo de calçamento ser denominado de “recunhado” ou “romano”. Outros tipos de calçamento eram/são feitos ou recobertos por pedras roliças denominadas “pés de moleque”, pedras portuguesas, macadame, paralelepípedos etc.

A calçada portuguesa ou mosaico português (ou ainda pedra portuguesa) é um tipo de revestimento consagrado nos países lusófonos, muito utilizado na pavimentação de passeios, de espaços públicos e privados. Ela resulta do calcetamento com pedras de formato irregular (calcário branco e negro), que se contrastam, formando padrões decorativos ou mosaicos. Além dos tradicionais preto e branco, outras cores podem ser intercaladas, dentre elas o castanho, o vermelho, azul, cinza, amarelo e até mesmo azul e verde. Exemplos deste tipo de calçada é o famoso calçadão da Praia de Copacabana (obra de Roberto Burle Marx) ou ainda os espaços da antiga Avenida Central, ambos no Rio de Janeiro.

Os profissionais que atuam nessas modalidades de calçamento com pedras justapostas são chamados “calceteiros”, empedradores ou calçadores. Segundo os estudiosos, a palavra “calceteiro” vem de “calceta” ou grillheta, argola de ferro fixada no tornozelo dos prisioneiros, ligada à sua cintura ou ao pé de outro prisioneiro por uma corrente de ferro. Escravos ou prisioneiros condenados a trabalhos forçados eram vistos, no passado, nos logradouros públicos, realizando tal tipo de serviço.

No meio das ruas, utilizavam-se pedras laje ou capistranas, mais largas, enfileiradas, destinadas ao passadio mais confortável dos transeuntes, principalmente – segundo a oralidade – das damas com seus saltos. Tradição que ainda se encontra em cidades históricas brasileiras, como Diamantina. As vias de tráfego eram igualmente demarcadas por linhas ou traços de pedras laje lapidadas.

Os canteiros ou tabuleiros se forma(va)m e se compunham - se compõem, ainda - pelo entrecruzamento de linhas ou espaços, geralmente de dois por dois metros, preenchidos pelos matacões (pedras laje sem forma definida), a que se enchem com lascas ou resíduos de pedras, provenientes do próprio processo de lapidação.

O trabalho exige cuidados, técnica, perícia, portanto profissionais qualificados, sendo, inclusive, nos dias atuais, objeto de capacitação por órgãos como IPHAN-Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional que, em parcerias com prefeituras de cidades históricas do País, vem trabalhando na recuperação de pisos coloniais. Noções de solo e tipos de pedras, compactação, traços, alinhamento, nivelamento, reposição de materiais como cascalho, areia fina etc. Em nossa região, são conhecidos e célebres os calceteiros de Ritópolis.

Algumas ferramentas utilizadas pelos calceteiros:

BROCA – instrumento munido de barra de ferro, verruma que, com movimento de rotação, se abrem buracos e se perfura a pedra

DESEMPENADEIRA – ferramenta utilizada para fazer desaparecer as marcas deixadas pela talocha ou colher de pedreiro; serve para regularizar a superfície; talocha

ESCODA – ferramenta com dois gumes retos, para abertura de rasgos de pequena dimensão

ESCOPRO – ferramenta cortante, utilizada por pedreiros, canteiros, calceteiros, atuando por efeitos de golpes dados por martelo ou maceta

FENDEDEIRA – ferramenta de ferro utilizada no desmonte de pedra, principalmente em pedreiras

FORQUILHA – ferramenta de cabo comprido de madeira com pontas em forma de forcado, que serve de pá para baldeação de pedra menor (brita, cascalho)

LIMA – ferramenta de aço rijo com as faces cobertas de entalhes, utilizada no desbaste e acabamento de peças de metal, madeira etc.

LIMPADEIRA – ferramenta tipo colher ou trolha, muito estreita e de cabo comprido, utilizada para limpar os furos da broca em pedra

MAÇÃO – ferramenta de cabo de madeira, com elemento em forma de cilindro ou tronco de cone numa das extremidades, utilizado pelo calceteiro para percutir e bater a calçada.

MACETA – maça ou maço de pequenas dimensões utilizado como ferramenta de percussão.

TROLHA – espécie de pá utilizada pelo pedreiro, calceteiro para espalhar argamassa, areia etc.

PEQUENO GLOSSÁRIO

- Alarife – nome que se dava ao mestre de obras; construtor; arquiteto
- Alfaque – banco ou acúmulo de areia movediça
- Alpondras – passadiço feito de pedras no leito de um rio para a sua travessia, de uma margem para outra
- Burgau – cascalho ou pedra miúda que vem misturados à areia grossa; burgalhau
- Calixa – pó ou fragmentos de argamassa ressequida que sobram de uma construção ou resultam da demolição de uma obra de alvenaria
- Coté – pedra de amolar; mó; rebolo; esmeril
- Fiada – carreira horizontal de tijolos, pedras etc.; enfiada
- Garrida – roda de ferro que se põe por baixo de pedras grandes para deslocá-las
- Lancil – laje de cantaria, longa e delgada, utilizada para pavimentação, vergas de janelas, meio fio e resguardo de estradas
- Massame – Lastro ou leito de pedras, argamassa ou tijolos que servem de base para assentamento de ladrilhos
- Plinto – peça quadrangular que serve de pedestal para estátuas, vasos etc.
- Poial – fogão rústico formado por pedras, sobre as quais se assentam tachos, panelas: assento de pedras na entrada das casas junto a paredes ou muros (das mesmas casas); tacureba
- Rebolo – pedra redonda para amolar; pedaço de telha, tijolo, pedra que se usa como projétil
- Rípio – cascalho ou pedra miúda com que se enchem os vãos deixados nas paredes e concretagens pelas pedras maiores
- Saibro – areia grossa; chão arenoso dos circos, parques ou arena de rodeios
- Samouco – crosta ou saburra que a pedra traz ao vir da pedreira
- Saprema – calço que serve de apoio a uma alavanca, quando com esta se levantam pesos
- Sarandalhas – resíduos, aparas, restos
- Socalco – espécie de degrau numa encosta, sustentado por pedras, muro ou botaréu
- Solinhar (v.) – lavar pedra ou madeira seguindo uma direção, marca, desenho etc.; desbastar
- Tardoz – face tosca ou deformada da pedra (de cantaria) que fica para o interior do solo ou paredes
- Tessela – pedra quadrada para lajear os compartimentos de uma casa
- Torça – pedra quadrilonga e esquadriada: torçado; pedra de cantaria
- Trolha – colher de pedreiro usada para espalhar a argamassa, areia com cimento, fixar as pedras entre si etc.

Nossa região sempre foi pródiga em bons oficiais calceteiros, em especial nos municípios de Ritópolis e Cel. Xavier Chaves. Em São Tiago, há referências igualmente, nessa área, a mestres do passado, como o sr. Messias Roque.

VACINA BCG - HÁ 100 ANOS COMBATENDO VITORIOSAMENTE A TUBERCULOSE

A imunização contra a tuberculose completa exatamente um século. No dia 18 de julho de 1921, o primeiro paciente, um recém-nascido cuja mãe morrera de tuberculose, alguns dias antes, recebeu a primeira dose da vacina BCG no Hospital Charité em Paris. Era o primeiro e gigantesco esforço da ciência para salvar, a partir dali, milhões de vidas em todo o mundo, vacina que protege e é aplicada ainda contra a meningite tuberculosa e outras formas graves de doenças em crianças pequenas e bebês.

Única vacina existente para combater a tuberculose, ainda hoje morrem anualmente 1,5 milhão de pessoas em todo o mundo, em parte por falta de recursos e financiamentos públicos. O nome BCG é uma homenagem aos seus inventores, os cientistas franceses Albert Billié de Calmette (1863-1933) e Camille Guérin (1872-1961) que levaram 13 anos de intensas pesquisas, cerca de 230 tentativas, até chegarem à versão (fórmula final) da vacina BCG, utilizada eficazmente até hoje.

A tuberculose, embora seja conhecida há mais de 9.000 anos, somente no século XIX é que seu agente causador foi identificado. Em 1882, o médico alemão Robert Koch (1843-1910) publicou os primeiros estudos comprovando que a enfermidade era causada pela bactéria *mycobacterium tuberculosis* que provocava a destruição progressiva dos pulmões. Até aquela época, tamanha a gravidade e complicações da moléstia, que atingia fatalmente uma a cada sete pessoas. Époque em que não existiam antibióticos, twendo os médicos que apelar para expedientes até mesmo prosaicos para os padrões atuais, como o uso de óleo de fígado de bacalhau, massagens com vinagre etc Os pacientes eram encaminhados, ademais, para internações em sanatórios e asilos, geralmente instalados em cidades interioranas e isoladas de clima ameno. Poucos sobreviviam e os doentes eram estigmatizados pela família e soiedade.⁽¹⁾ Somente na década de 1920 é que os cientistas franceses Calmetti e Guérin conseguiram resultados eficazes contra a tétrica doença – a produção da vacina feita a partir de uma bactéria viva atenuada, a *mycobacterium bovis*, comum em bovinos.



FOTO: GETTY IMAGES / BBC NEWS BRASIL



Albert Calmette (à esquerda) e Camille Guérin (à direita) demoraram 13 anos para chegar à versão da vacina BCG, que é usada até hoje. demoraram 13 anos para chegar à versão da vacina BCG, que é usada até hoje

FOTO: ARQUIVOS FAP / BBC NEWS BRASIL



Arlindo de Assis recebeu as primeiras amostras da BCG no Brasil e foi responsável pela produção das doses por décadas

A VACINA CHEGA AO BRASIL – O valioso imunizante chegaria ao Brasil em 1925, trazido pelo cientista uruguaio Júlio Elvio Moreau, que, à época, trabalhava no Instituto Pasteur e fora encarregado de trazer o imunizante à América do Sul. O objetivo do Instituto Pasteur era encaminhar amostras de imunizantes (compostos de células vivas atenuadas) para diversos países, inclusive o Brasil, posto que, em cada local, os microrganismos sofriam modificações, desenvolvendo características próprias, adquirindo cada uma dessas cepas mutantes um nome específico e que, no Brasil, ganhou o nome “Moreau”. Após uma viagem atribulada, Dr. Moreau chegou ao nosso País trazendo as primeiras culturas da bactéria destinadas à produção da vacina BCG. Quase nada se sabe sobre a vida de Dr. Moreau – onde e quando nasceu e morreu, não havendo sequer fotos conhecidas suas. Uma vida, até o momento, misteriosa. Em sua viagem, via oceano, Moreau teve muitas dificuldades para que sua preciosa carga não estragasse. As viagens eram longas, enfadonhas; os equipamentos científicos rudimentares e os microrganismos da BCG armazenados numa cultura líquida, espécie de nata, que exigia trocas dos meios e recipientes, a cada 28 dias, algo complexo, sabendo-se que as viagens marítimas levavam de 40 a 50 dias.

Dr. Moreau desembarcaria no Rio de Janeiro com a carga intacta, entregando-a ao médico Arlindo de Assis (1896-1966), então professor da Faculdade de Medicina (hoje UFF) e pesquisador do Instituto Vital Brazil em Niterói. Com os ingredientes e receita nas mãos, Dr. Arlindo deu início aos experimentos e fabricação inicial no Instituto Vital Brazil e posteriormente na Liga contra a Tuberculose (hoje Fundação Dr. Ataulpho de Paiva), uma ONG constituída por médicos, advogados e religiosos no Rio de Janeiro. Caberia à Fundação fornecer 100% das doses da vacina BCG utilizadas em nosso País até 2016.

INÍCIO DA APLICAÇÃO DA BCG NO BRASIL - Em 30/08/1927, a primeira criança brasileira a receber a BCG, então um líquido administrado por via oral, foi a recém nascida Terezinha de Jesus Lopes, cabendo ao médico pediatra Almir Rodrigues Ladeira (1884-1972) o privilégio de aplicar a primeira dose da vacina em território nacional. A aplicação da vacina nos primeiros tempos era muito irregular, sem coordenação nacional, o que seria aprimorado com a criação do Programa Nacional de Imunização a partir de 1970, até hoje um modelo mundial, com a atuação da União, Estados, DF e municípios. Desde 1976, é obrigatória a aplicação da BCG em todas as crianças brasileiras, aplicada em dose única, hoje na modalidade injetável, preferencialmente logo após o nascimento.

As estatísticas mundiais comprovam que a vacina BCG reduz em 90% as formas mais graves da doença, diminuindo os riscos de complicações, principalmente a meningite tuberculosa que afeta os membros do cérebro. Doença que atinge ainda as populações mais pobres e vulneráveis do planeta, onde reinam ainda a pobreza, fome, miséria, contabilizando o Brasil cerca de 60.000 casos anuais, dos quais cerca de 5.500 óbitos vitimados infelizmente pela tuberculose. Somos ainda uma das 30 nações mais castigadas pela doença, embora todas as políticas públicas e privadas de prevenção, diagnóstico e tratamento disponibilizados. A BCG é, igualmente, uma vacina versátil, tendo comprovada sua eficácia em outras enfermidades e doenças infecciosas como hanseníase, leishmaniose, tumores cancerígenos na bexiga e testes estão sendo realizados quanto à sua especificidade/utilidade no combate ao COVID-19.

**NOTA**

(1) Sobre a tuberculose em nosso meio ver matéria em nosso boletim nº junho/2016.

DR. JÚLIO FERREIRA DE CARVALHO E O RUMOROSO PROCESSO ENVOLVENDO A HERANÇA DO MAGNATA FELICIO ROCHO (1868-1937)

O famoso empresário italiano Felice Natale Rosso (Felicio Rocho) nasceu em Salerno, em 1868, chegando ao Brasil com 12 anos, estabelecendo-se inicialmente no Rio de Janeiro onde trabalhou como mascate; foi chofer de praça em Petrópolis e negociante de ferragens. Transferindo-se para Juiz de Fora, passou a trabalhar como marceneiro, construtor, além de proprietário de uma funerária. Bernardo Monteiro, prefeito de Belo Horizonte, de passagem por Juiz de Fora, ficou impressionado com a beleza de uma carruagem entalhada à mão pelo italiano. Convidou-o a explorar também o serviço funerário em Belo Horizonte. Idêntico convite receberia do arquiteto Américo Gianetti para se estabelecer na capital mineira, com o objetivo de construir e administrar alguns hotéis.

Em Belo Horizonte, Felicio Rocho formou sociedade com Archangelo Malleta, adquirindo eles o Hotel Avenida. Após algum tempo, Felicio comprou a parte do sócio, construindo ainda o Hotel Internacional (hoje Hotel Itatiaia) Solteiro, tornando-se uma das maiores fortunas de Minas, legando parte de seus bens a causas humanitárias. Assim, em 24/03/1937 doou valores para a constituição da Fundação Italo-Brasileira Felice Rosso, destinada a manutenção de serviços hospitalares em prol dos necessitados e desamparados, hoje o Hospital Felicio Rocho, de referência nacional e mundial. O prédio do hospital, localizado no Bairro Barro Preto, foi inaugurado aos 05/06/1942, sendo o projeto de autoria do arquiteto italiano Raffaello Bertin, radicado em Belo Horizonte.

Felicio Rocho faleceu aos 07/07/1937, nomeando Américo Gasparini como seu testamenteiro. Surgiria aí uma suposta filha do magnata, reivindicando metade da fortuna deixada por Felicio Rocho...



Dr. Júlio Ferreira de Carvalho

Surge uma filha do celibatário

O inventário e partilha seguíam os trâmites legais quando, em junho de 1938, surgiu inesperadamente uma personagem feminina, a qual, dizendo-se filha natural do milionário (Felicio Rocho morreu solteiro) reivindicou a metade da fortuna deixada pelo celibatário, ou sejam, 4.000 contos. Tratava-se de D. Maria Rosa Wilson, esposa de Mr. James Black Nobre, funcionario do London Bank, ora em S. Paulo.

Travou-se assim ruidosa luta judiciária entre a pretensa filha do celibatário e os contemplados pela sensacional herança. O advogado de D. Maria Rosa, Dr. Julio Ferreira de Carvalho, alegava que Felicio Rocho, tendo uma única herdeira, de conformidade com o Código Civil, só poderia ter disposto de metade da sua fortuna, pertencendo a outra metade, "par droit de naissance", à sua filha Maria Rosa.

As audiências realizadas com o fim de provar a alegada paternidade de Felicio Rocho ofereceram lances rumorosíssimos e por vezes dr. máficos até.

A sentença do juiz

Em 1939 a pendência subiu a juízo e no dia 10 de maio daquele mesmo ano, o juiz Newton Ribeiro da Luz lavrou a sentença: D. Maria Rosa era mesmo filha do milionário, embora ilegítima! Logo que foi conhecida a decisão daquele magistrado, os advogados da Fundação Felicio Rocho, do Orfanato Santo Antonio, do Asilo Bom Pastor e demais herdeiros do celibatário, recorreram imediatamente para o Tribunal de Apelação.

Este, finalmente, na sua reunião de hoje, á tarde, deverá dar a ultima palavra sobre a rumorosa disputa. Foi relator do feito o desembargador Amílcar de Castro e revisor o desembargador Villas Boas. Opinaram sobre a questão varios juriconsultos da maior nomeada no país, entre os quais, os Srs. Philadelpho de Azevedo, Milton Campos, Affonso Penna Junior e Jair Lins.

A's partes será facultado o uso da palavra na sessão de julgamento e estão representadas, a autora, pelo Dr. Julio Ferreira de Carvalho, e os seus apelantes pelo Dr. Americo Gasparini.

De acordo com o novo Código de Processo Civil, se a sentença for man'ida, ainda que não seja unanime a decisão dos desembargadores, não caberá embargo. Ganhará então a pendência definitivamente a filha do milionário.

Esta, aliás, poderá ainda embargar, se a sentença for reformada e o acordão não for unanime.

Nessas condições, a "Fundação Felicio Rocho" e as outras instituições ac'as referidas só poderão ter esperanças de vitória imediata numa hipótese: se a sentença for reformada por unanimidade, ca o esse em que também não caberá embargo.

PT.WIKIPEDIA.ORG/DIVULGAÇÃO



A Sra. Natercia da Silveira, nome conhecido no foro desta capital e procuradora do Conselho Nacional do Trabalho, é uma das figuras que constituem a comissão encarregada de proceder à revisão da legislação de proteção do trabalho de mulheres e menores. Estes títulos e a sua comprovada autoridade em assuntos ligados à tarefa indicavam-na como uma das primeiras pessoas a serem ouvidas a propósito desta reforma que o Sr. Waldemar Falcão acaba de ordenar.

Recebendo o reporter em sua residência, a Sra. Natercia da Silveira, escudando-se na sua modestia, começa por dizer que pouco ou quase nada tem a falar sobre o assunto. Não assistiu à sessão preparatória da comissão e as suas atribuições no Conselho são de ordem puramente forense:

— A nossa missão é de adaptação dos textos dos Codigos à Constituição de 10 de novembro e às resoluções da Convenção Internacional de 1935 e da Conferencia de Havana de 1939. É bem verdade que temos de elaborar algumas modificações no corpo das leis de amparo ao trabalho de mulheres e menores. Temos mesmo em nosso poder algumas sugestões oficiais neste sentido. E para esta materia ha que ouvir os tecnicos, os que têm relações mais diretas com as nossas realidades.

Empate !

BELO HORIZONTE, 26 (Da Supercursal de A NOITE) — Redundou num empate a apelação do caso Felício Rocho, cujo julgamento levou ao Palacio da Justiça formidável multidão de curiosos. O desembargador Amílcar Castro deu provimento ao recurso que foi negado pelo desembargador Villas Boas. Caberá ao desembargador Paulo Fleury proferir o voto de desempate dentro de cinco dias. Se desempatar a favor da filha do celibatario esta ganhará definitivamente a questão e se o fizer contra o milionario ainda poderá embargar o processo.

VAI EMBARGAR

O sensacional caso da herança do milionario Felício Rocho

BELO HORIZONTE, 31 (Serviço especial de A NOITE) — Ainda não teve seu desfecho final o palpitante caso judiciario levantado em torno da fortuna do celebre filantropo Felício Rocho, no qual são partes um grupo de institui-

ções de caridade, beneficiadas no testamento com a quasi totalidade do espolio do referido milionario, e D. Maria Rosa Wilson, que, dizendo-se filha natural do capitalista — filiação esta que foi reconhecida pelo juiz Newton Ribeiro da Lua — reivindica a metade da herança, cujo total ultrapassa de seis mil contos. O penultimo julgamento, no Tribunal de Apelação, redundou em empate. Embora o desembargador Paulo Fleury, na sessão de sabado, tenha desempatado contra a indigitada filha do celibatario, esta por intermedio do seu advogado, Dr. Julio Ferreira de Carvalho, vai amanhã interpor embargos, dos quais será relator o desembargador Guido Cardoso de Menezes. Caberá, assim, a este magistrado pronunciar a decisão final na rumorosa demanda que tanta repercussão vem causando na cidade.



Busto Felício Rocho

Seis mil contos em disputa

Apelação para o Supremo Tribunal Federal

BELO HORIZONTE, 4 (Serviço especial de A NOITE) — A sensacional pendencia em torno da fortuna de seis mil contos de réis deixada pelo celibatario Felício Rocho, cuja posse ha tres anos vem sendo disputada, de um lado por um grupo de instituições de caridade, que reivindicam para si a totalidade do espolio, e do outro lado por Maria Rosa Wilson, que pleiteia metade da herança, sustentada em sentença do juiz, na primeira instancia, que a reconheceu como filha natural do milionario, vai ter seu desfecho definitivo, após haver agitado todos os circulos juridicos de Minas, no Supremo Tribunal Federal. Trata-se de um recurso extraordinario que acaba de ser interposto á mais alta Corte de Justiça do país, pelo advogado de Maria Rosa, Sr. Julio Ferreira Carvalho.

APELIDOS EM SÃO TIAGO

Autor: Tiago do Rosário Mendes Santiago – Tiago do Béco.

R – Rato, Ratinho, Raposo, Rôco, Rico, Russo, Rik, Ritinha, Rók.

S – Sapo, Sapinho, Silico, Sinhá, Sismaria, Santinho, Santinha, Sinhô, Sosó, Saribo, Sonho, Sisí, Sá Maria.

T – Tiagua, Tião, Tiãozinho, Tiutiu, Titiua, Tita, Tito, Tango-triste, Totó, Tatá, Tizil, Tataca, Taquinho, Tiro, Téco, Téca, Tatu, Tate, Tôta, Tatão, Titico, Taioba, Tóte, Totonho, Totonha, Titi, Tinico, Tinoco, Têca, Tinoca, Thano, Tuniquinho, Tuniquinha, Tunica, Tuza.



O Rei e o Rosário

Nossa Senhora abençoa não somente aqueles que propagam seu Rosário, mas Ela recompensa copiosamente aqueles que com seu exemplo atraem os demais a esta devoção.

Alfonso, Rei de León e da Galícia, desejando que todos os seus servos honrassem a Santíssima Virgem rezando o Rosário, colocava um grande Rosário em seu cinto e sempre o usava, mas infelizmente nunca o rezava. Contudo, o fato de usá-lo, motivava a toda a corte a rezá-lo devotamente.

Um dia o rei adoeceu gravemente e quando creram que estava para morrer, ele caiu em êxtase, viu-se a si mesmo perante o trono do julgamento de Nosso Senhor. Muitos diabos estavam lá a acusá-lo de todos os pecados que havia cometido e Nosso Senhor, como Juiz Soberano, já estava para condená-lo ao Inferno, quando Nossa Senhora apareceu a interceder por ele. Jesus pediu uma balança e colocou os pecados de Alfonso num dos pratos. No outro prato Nossa Senhora colocou o Rosário que ele sempre carregava na cintura, juntamente com todos os Rosários que foram rezados por causa de seu exemplo. Viu-se que os Rosários pesaram mais do que seus pecados.

Ao olhá-lo com grande benignidade, Nossa Senhora disse: “Como recompensa por esta pequena honra que você

me fez em usar meu rosário, eu obtive uma grande graça de meu Filho. Sua vida será prolongada por mais alguns anos. Viva-os sabiamente, e faça penitência.”

Quando o Rei recobrou sua consciência, exclamou: “Bendito seja o Rosário da Santíssima Virgem Maria, pelo qual fui liberto da condenação eterna!”

Após recuperar a saúde, ele passou o resto de sua vida a propagar a devoção do Santo Rosário e o rezou fielmente todos os dias.

Os devotos da Santíssima Virgem Maria devem seguir o exemplo do Rei Alfonso e dos santos que eu mencionei para assim atrair outras almas para Confraria do Santo Rosário. Eles receberão grandes graças nesta vida terrena e na vida eterna... “Aqueles que me tornam conhecida terão a vida eterna” (Eclo 24,31).

*O admirável segredo do Santíssimo Rosário:
Para se converter e se salvar,
traduzido por Geraldo Pinto Faria Jr.*

São Luiz Maria Grignon de Montfort

Honramos, partilhamos o corpo de Cristo quando O servimos, estendemos a mão e acolhemos a todos os seus Membros: os pobres, os humilhados, os enfermos, os solitários. Devemos fixá-los com os olhos, abraçá-los, vesti-los com nosso afeto e nosso amplexo, para que sintam o calor de nosso carinho, pois o olhar fraterno, o abraço fortalecedor, a mão amiga que se estende, são formas de sairmos de nossa comodidade, de nossos escrúpulos e desculpas e sim expressões de nossa solidariedade, nossa universalidade, nossa cristandade.

(Adaptado de um texto de São João Crisóstomo)

REVOLTAS ANTIFISCAIS NA CAPITANIA DE MINAS GERAIS

Históricos, desde o Brasil Colônia, são os registros de resistência antifiscal em nosso País, com mais especificidade para a Capitania de Minas Gerais, mormente no decorrer do século XVIII⁽¹⁾. A sociedade mineira sempre foi avessa à cobrança ostensiva e opressiva de tributos, verdadeiros confiscos que a Colônia, ontem, e posteriormente, o Império e o atual Estado dito Republicano realizam aciniosamente contra o cidadão. São impostos extorsivos com a função, na verdade, de sustentar estruturas corrompidas, a crônica ineficiência da administração pública, a manutenção de privilegiados e nobres que controlam, há séculos, o Poder, onde o Erário Real exaure o patrimônio particular, desorganizando a própria capacidade produtiva e investidora da sociedade – processo corrosivo, compulsivo que se estende até os dias atuais.

Criou-se o conceito de que o patrimônio da sociedade é para servir incondicionalmente o Estado, reminiscência, talvez, do pensamento de fidelidade medieval do súdito ao rei, ainda que este se arrojasse em guerras de expansão, em gastos perdulários, em extravagâncias de toda sorte. A palavra do cidadão pouco ou nada valia, nem vale ainda em nosso País, em pleno século XXI. Embora a teologia moral escolástica preconizasse morigeração, equilíbrio das autoridades no tocante ao poder tributário (cobrança de impostos) - o que encontrava algum eco na Europa - na América, no entanto, os súditos viviam asfixiados por deveres fiscais de toda ordem, cobrados de forma desigual, arbitrária, cruel. Uma violenta parafernália de taxas, direitos, fintas, bandos, subsídios criados e lançados às costas e às custas do cidadão impotente. Tudo era motivo para se inventar um novo imposto: a celebração de um tratado de paz, o nascimento ou o dote para as bodas de um príncipe, a reconstrução de Lisboa (destruída por um terremoto em 1755), obras pias...

Pós descoberta do Brasil, Portugal passaria a contar, cada vez mais, com as receitas da Colônia. Tributos eram lançados do dia para a noite; recursos arrecadados para um fim eram aplicados (desviados) para outros fins; as cobranças efetivadas sob total coação e violência, a ferro e fogo, utilizando-se, para tal fim, os beaguins reais, inseparáveis comensais do terror estatal: o fisco e a justiça. O pior, o mais desesperador era quando a Coroa terceirizava – “arrendava”, era o termo da época – a particulares as suas atribuições fazendárias (direitos régios) como pedágios, comércio do sal, capitação etc.

De vital importância para o equilíbrio político-fiscal do Estado, os impostos extorsivos geravam dificuldades materiais e miséria para as populações “a parte mais fraca”, o que era agravado pela presença de privilegiados e de parasitas não alcançados pelos “direitos régios”, implicando em insatisfações, motins⁽²⁾ e mesmo manifestações enérgicas – obviamente inúteis - de câmaras como as de Vila Rica e do Serro contra os abusos fiscalistas. Alguma diferença para os nossos dias?!

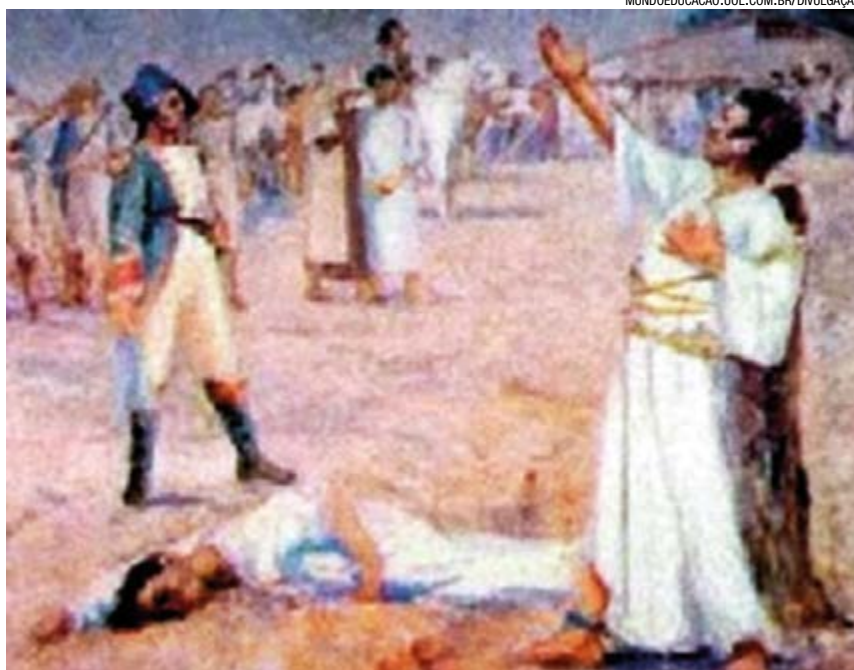
As revoltas antifiscais em Minas Gerais foram semelhantes às que ocorreram em Portugal à época da dominação espanhola (1580-1640), espalhando-se por diversas regiões lusitanas em protestos contra as políticas da dinastia filipina então envolta em guerras contra a Holanda (ver a obra “Ordem e oposição polí-



Julgamento de Filipe dos Santos
Óleo de Antônio Parreiras retratando a versão mítica da execução. Ao fundo, o pintor mostra a fumaça da queima das casas dos revoltosos.

tica em Portugal no período filipino 1580-1640”, autoria de Antonio de Oliveira, ed. Difel, 1990) O poder espanhol utilizava-se de impostos indiretos como o “real da água”, “meias anatas” “cabeção das sisas”, o que também contrariava as classes privilegiadas (nobreza e clero) A Europa enfrentaria nos séculos XVI a XVIII, inúmeras sublevações populares ligadas aos “food-riots” (motins de fome) ou “tax-rebellions” (revoltas contra aumentos de impostos), assuntos tratados exaustivamente por pensadores europeus. Minas Gerais arrostaria, por sua vez, ameaças consistentes de rebeliões negras nas regiões de Furquim e Vila Rica, sob o comando de um

MUNDOEDUCAO.UOL.COM.BR/DIVULGAÇÃO





WIKIPEDIA/DIVULGAÇÃO

mítico “rei negro”, sufocadas pelo governador D. Pedro de Almeida em inícios do século XVIII. Em 1735, mais revoltas negras em Catas Altas, a que se seguiu o rumoroso motim na região do São Francisco (1736), liderado por potentados da região, dentre eles D^a Maria da Cruz, contra a cobrança da taxa de capitação, movimento apropriado pelas camadas mais baixas da população. Viriam os tumultos de Campanha do Rio Verde (1743-1746) e ainda a tentativa de sublevação de escravos em 1778 no governo de D. Antonio de Noronha, igualmente reprimidas.

O que se nota, por parte dos governantes, é o visceral desprezo pelas massas. Autores como Gustave Le Bom via a multidão como forma de vida inferior “pouca apta para raciocinar, porém,

BRASILESCOLA.UOL.COM.BR/DIVULGAÇÃO



potencialmente perigosa na ação” Todavia, outros como Charles Tilly considera tais rebeliões como movimentos locais reativos às demandas crescentes dos Estados centralizadores e dos mercados nacionais de insumos em expansão.

Obviamente, há a ação do Estado e mesmo de pensadores “oficialistas” em desqualificar as contestações e revoltas antifiscais, tidas como frutos de reações explosivas de caráter puramente emocional, incluindo aí estudiosos como Hyppolite Taine e Gustave Le Bom que as associavam a atos de irracionalidade e patologia social. Tais manifestações contra a fiscalidade, opondo colonos ao projeto fazendário governamental, evidenciavam já consciência política nativista, revelando concepções quanto a direitos comunais, de representatividade, de legitimidade política e ainda de concepção econômica (custo de vida, abastecimento etc.) Em suma: resistência local diante da expansão insaciável e descabida do aparelho fiscal e da política colonizadora-expropriadora. Frente à repulsa às mudanças na forma de cobrança do quinto, conviviam-se, ademais, com a sonegação, contravenção, fábricas de moedas falsas, bandos armados e saqueadores, contrabando em todos os circuitos de desvios de receita, o que ocorre de forma igual ou “modernizada” até os dias atuais. A política fisco-fazendária régia geraria o desgaste da experiência colonial, minando o padrão institucional português no Brasil, culminando com movimentos como os da Inconfidência (1789) e finalmente com a Independência (1822).

NOTAS

(1) *A Capitania de Minas – a que mais sofreria o jugo colonial – ver-se-ia envolta em protestos e revoltas diversas. Já em 1715, o governador Bráz Baltasar da Silveira buscava ampliar a cota global de arrecadação do quinto, havendo resistências em Vila Rica, Vila do Carmo e Pitangui. A ideia de instalação de uma “casa de fundição e moeda” em 1719, igualmente, geraria resistência, ocorrendo grupos rebelados em Pitangui sob a liderança de Domingos Rodrigues do Prado e ainda em Vila Rica com violenta repressão e truculência por parte do Conde de Assumar, culminando, dentre tantos, com o esquartejamento de Felipe dos Santos (1720)*

O governo colonial promove entre 1715-1720 a estruturação de seu aparelho fiscal nas áreas de mineração, expandindo-o ferozmente a partir dos anos 30 para os sertões, levando homens à miséria e mulheres à prostituição, a fim de atenderem às exigências brutais dos impostos. Revoltas e motins se sucedem a partir de 1736 na região do São Francisco e do Rio Verde, sob o comando do potentado rural Domingos do Prado Oliveira contra a capitação. Maria da Cruz ???

Padres, inicialmente, pregam enfaticamente contra o direito do quinto, mas depois de se comporem com as autoridades temporais coloniais, que lhes autorizou a cobrança obrigatória de dízimos, passam a defender a abusiva taxação; passaram, pois, a ameaçar de excomunhão os contribuintes recalcitrantes – na verdade, uma bitributação (para o rei e para o clero), associando-se, assim, a fazenda real e bispados para o espólio dos impostos, calibrando o universo político da época. Tornar-se-ia então “pecado mortal o não pagamento do quinto ou qualquer fraude que levasse o contribuinte a não pagar esse imposto ou pagar menos que o devido por ele” (Côn Raimundo Trindade, apud Caio César Boschi – “Os leigos e o poder – irmandades religiosas e a política colonizadora em Minas Gerais” Ed. Ática, 1986, p. 91)

(2) Ver, a esse respeito, as obras “A sedição de 1736: uma análise comparativa entre a zona dinâmica da mineração e o sertão agropastoril do São Francisco” Carla Maria Junho Anastasia, UFMG, 1982 e “Resistências antifiscais em Minas Colonial” Luciano Figueiredo, UFF.

Sobre Revoltas e Sublevações em Minas Gerais ver matéria em nosso boletim nº CI – fev/2016.

São Tiago a caminho

Há tempos, nascia um povoado aqui.
E foi batizado de São Tiago, em homenagem
ao santo de devoção dos espanhóis: "São Tiago Maior".
Hoje é o nosso querido padroeiro.

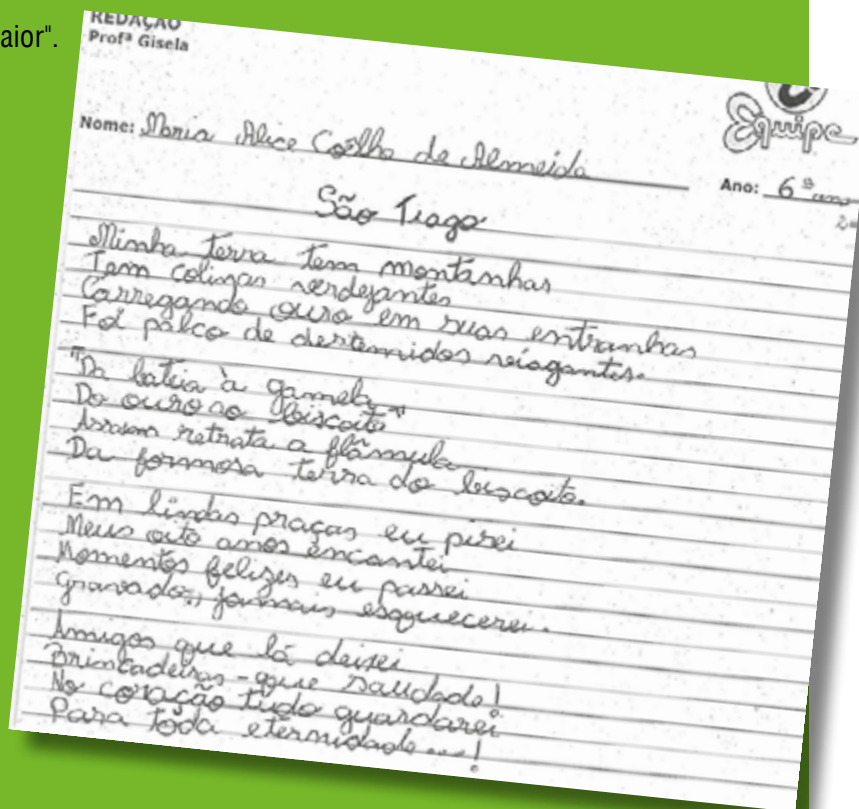
Na sua santa jornada, São Tiago, tornou-se
um grande peregrino: famoso e corajoso.
E a cidade, brilhante e aconchegante!
Faz de si, abençoada e amada.

Na sua fé, inspira os pequeninos
e fortalece os adultos.
Quão esplendoroso é São Tiago!
São Tiago, o santo; São Tiago, a cidade.

Ó gente de São Tiago!
É preciso preservar a tradição,
Registrar a oralidade
Ao tempo da história e da nação.

Vou admirando bem feliz!
Pedindo a proteção d'Ele
Cultivando e valorizando
a terra em que nasci .

Maria Ilza Mendes
Julho/2021



São Tiago
Maria Alice Coelho de Almeida

Minha terra tem montanhas
Tem colinas verdejantes
Carregando ouro em suas entranhas
Foi palco de destemidos viajantes.

"Da bateia à gamela".
"Do ouro ao biscoito"
Assim retrata a flâmula
Da formosa terra do biscoito.

Em lindas praças eu pisei
Meus oito anos encantei
Momentos felizes eu passei
Gravados, jamais esquecerei.

Amigos que lá deixei
Brincadeira - que saudade!
No coração tudo guardarei
Para toda eternidade...